

**NATUREZA, IMAGINAÇÃO E
POLÍTICA NA GEOGRAFIA
FRANCESA: CONSTRUÇÃO
DA IMAGEM DE MUNDO
TROPICAL E DE
TROPICALIDADE**

ANTONIO CARLOS VITTE

Programa de Pós-Graduação
em Geografia (Unicamp),
Pesquisador pelo CNPq
E-mail: vitte@uol.com.br





RESUMO

O trabalho destaca como foi o processo de construção do mundo tropical e do conceito de tropicalidade, no contexto do imperialismo do século XIX. O recorte é a obra de Pierre Gourou, sistematizador da moderna geografia tropical francesa, que exerceu forte influência nas políticas territoriais na Indochina. De um discurso estético, durante o imperialismo, o mundo tropical passou a ser portador da degeneração moral e natural, donde se desenvolveu o conceito ideológico de tropicalidade. Esse conceito denotava negatividade e serviu para opor o mundo tropical ao temperado, justificando política e cientificamente o domínio colonial francês na Indochina, assim como na África e a criação de missões científicas na América Latina.

Palavras-chave: Geografia Política, história da Geografia, mundo tropical, Pierre Gourou, geopolítica da natureza.





ABSTRACT

The work boards how was the construction process of the tropical world and of tropicality concept in century XIX imperialism context. The cutting is the work of Pierre Gourou, systematizing of the modern French tropical geography that exercised strong influence in France's territorial politicses for Indochin. Of an aesthetic speech, the tropical world proceeded being bearer of the moral and natural degeneration, whence we developed the ideological concept of tropicality. Concept that denoted negativity and that served to oppose the tropical world to the tempered justifying politicizes and scientifically the French colonial domain in Indochin, as well as in Africa and mission creation scientific in Latin America.

Keywords: Political Geography, history of Geography, tropical world, Pierre Gourou, nature of geopolitical.



1 INTRODUÇÃO

Os conceitos de trópico e de tropicalidade, como conhecidos ainda hoje, foram produzidos durante os séculos XVIII e XIX, com base em um intercruzamento entre a razão romântica, representada pela ciência humboldtiana, as práticas imperialistas e os avanços da ciência, provocados pela incorporação do positivismo em meados do século XIX. O resultado desse complexo intercruzamento foi a produção discursiva, imagética, portanto simbólica sobre as belezas do mundo natural tropical, *vis-à-vis*, a fraqueza e a indolência de seus habitantes. Tal discurso ideológico deve ser lido no contexto do imperialismo, em que a produção do conhecimento geográfico esteve fortemente vinculada às ações do Estado-nação, criando assim as escolas nacionais de Geografia (CLAVAL, 2003). Por isso, deve-se compreender a genealogia da geografia tropical por meio das ações colonialistas dos principais países imperialistas, entre eles a França. Nisso, deve-se destacar o trabalho de Pierre Gourou (1900-1999), que com sua concepção de geografia tropical cristalizou a manutenção do imperialismo francês no Sudoeste da Ásia, interferindo na produção acadêmica e curricular dos cursos de Geografia do restante do mundo.

O objetivo deste trabalho é, com base na noção de ideologia geográfica (MORAES, 1988) e em analogia com a noção de orientalismo de Edward Said (1979; 1994), demonstrar como a imagem de trópico, pelo conceito de tropicalismo, invenção do imperialismo francês, veiculou a comunicação de linguagens sempre negativas, em que os trópicos foram vistos como espaços da degeneração, do atraso e da indolência. Com isso, produziu-se uma clara distinção entre o mundo europeu e o tropical, da mesma forma como foi produzida uma distinção entre o Ocidente e o Oriente (SAID, 1979; 1994).

2 PRODUÇÃO DA IMAGEM DOS TRÓPICOS

O mundo tropical é marcado por dois paralelos de latitude ao redor da Terra: um 23°27' ao norte da Linha do Equador e outro 23°27' ao sul. Essa marca coincide com os círculos de Câncer e Capricórnio, conhecidos desde os tempos da Grécia Clássica e que delimitavam a “zona tórrida”, onde haveria uma série de coincidências astronômicas, astrológicas, cosmográficas e míticas, sobre a “zona tórrida, caracterizada, segundo os gregos, pelo limite natural e moral.” (COSGROVE, 2001, p. 29-53). Outra divisão possível, por uma herança humboldtiana, é que os tró-

picos permitem uma experiência completamente diversa para um europeu, com novas espécies de animais, relevo, solos, evento meteorológico e climático, marcando uma zona geográfica particular.

Os trópicos foram incluídos no moderno pensamento ocidental desde os trabalhos de Alexander von Humboldt (1769–1859), depois de suas viagens à América Equinocial (HUMBOLDT, 1995), em que, influenciado pelo sublime kantiano, pela noção de experiência estética de Schiller e pelo conceito de morfologia de Goethe, produziu as mais belas descrições e registros pictóricos sobre as florestas tropicais, as montanhas tropicais, os desertos, os rios e as ilhas tropicais. Longe das divagações que reinaram nos séculos XV e XVI, os séculos XVIII e XIX caracterizaram-se pelas viagens e pelas descrições *in situ* das paisagens e de seus conteúdos, com a utilização de instrumentos para medir e registrar os fatos cotidianos da natureza do mundo tropical, bem como pela pintura de paisagens (STAFFORD, 1982).

A imagem de trópico durante o século XVIII esteve muito ligada à figura de Alexander von Humboldt, que exerceu forte influência em várias gerações de naturalistas e artistas europeus. A ciência humboldtiana contribuiu para a solidificação da estética da paisagem tropical, em que a vegetação luxuriante dos trópicos foi concebida como o máximo do sublime e da arte natural, pois o mundo tropical era um local privilegiado e permitia observar a natureza em toda a grandiosidade desta (NICHOLSDON, 1990).

Essa concepção estética da paisagem natural marcou profundamente as futuras gerações, tanto assim que, quando Charles Darwin esteve no Rio de Janeiro, em abril de 1832, comentou que a *tropical Forest in all its sublime grandeur*, cuja cena demandava um verdadeiro trabalho filosófico para o entendimento da natureza. *I formerly admired Humboldt, I now almost adore him; He alone gives any notion of the feelings which are raised in the mind of first entering the Tropics.* (DARWIN, 1832 apud CANNON, 1978, p. 87; ARTINS, 2000).

A visão de mundo natural de Humboldt foi essencialmente fisiográfica, pois estava preocupado com a distribuição espacial dos fenômenos naturais sobre a superfície da Terra e sua representação visual na forma de mapas e de isomapas (DETTELACH, 1999). Humboldt, ao desenvolver a concepção de mundo tropical, fê-lo com base no uso de instrumentos técnicos e representações refinadas da fisionomia da paisagem, combinando a representação gráfica com descrições textuais e estilo narrativo que clamavam pelo princípio da experiência estética de Schiller, desenvolvendo assim o princípio da espacialidade.

O produto dessa descoberta dos trópicos foi a geração de uma epistemologia das ciências naturais contemporâneas, com fundamento no reconhecimento das diferentes espécies naturais que foram importantes para a produção da imagem visual do mundo tropical, que até hoje é a matriz das disciplinas da Geografia Física. Essa situação solidificou-se desde o momento em que a Geografia foi incorporada ao sistema educacional, e passou-se a produzir mapas e globos que foram utilizados em sala de aula pelos professores. John Ruskin (1904) propôs, por exemplo, o uso do globo terrestre nas escolas inglesas. O globo foi dividido em círculos latitudinais. Cada círculo com um nome: o círculo árabe, o veneziano e o cristão. A zona tropical recebeu os nomes de santos e apóstolos, criando-se, assim, um simbolismo particular, com referência à degeneração moral dela.

A noção de trópico envolveu uma variedade de discussões filosóficas, estéticas, políticas, científicas e médicas, que ora debatiam o sublime e a magia da paisagem natural, ora a natureza humana e o desenvolvimento das nações, em que a fantasia europeia produziu diferentes abordagens sobre o imperialismo político, cultural e ambiental no mundo tropical. Dessa maneira, a história do trópico envolve a produção de imagens nos séculos XVIII e XIX, com grande destaque para a produção de material gráfico e cartográfico, mediada por uma estética topográfica da paisagem, que foi registrada em diferentes códigos visuais, gerando assim os primeiros mapas temáticos sobre a natureza tropical (DRIVER; YEOH, 2000) e posteriormente sobre a cultura humana e seu poder de transformação dos espaços. Nesse caso, merece destaque os trabalhos de Fernand Braudel, Claude Levi-Strauss e Pierre Monbeig, que, cada qual com sua temática, produziram uma nova visão de trópico, agora com o papel da cultura e sua relação com a natureza no processo de desenvolvimento das nações. Assim, diferentes imagens dos trópicos foram sendo paulatinamente realizadas e cristalizadas no imaginário europeu, o que levou à produção de uma epistemologia geográfica sobre o mundo tropical, em que o amálgama era o imperialismo.

3 DA ESTÉTICA DA PAISAGEM À DEGENERAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO

A noção de trópico é resultado de longo tempo e remonta aos séculos XVIII e XIX, quando os grandes viajantes construíram o conhecimento sobre o mundo tropical, particularmente Alexander von Humboldt, que influenciou várias gerações de intelectuais franceses e ingleses so-

bre a noção de mundo tropical e América. No contexto do imperialismo francês, essas imagens serviram para solidificar a ciência geográfica, em que foi dada atenção especial ao mundo tropical em função de recursos naturais, potencialidades paisagísticas e etnográficas. O resultado foi a criação de uma subdisciplina, a “geografia tropical”, importantíssima para o desenvolvimento da cartografia, para as disciplinas de Geografia Física, Geografia Cultural e Etnogeografia, todas amarradas no projeto imperial francês.

Há um paradoxo e ao mesmo tempo um simbolismo ambivalente, pois para uma paisagem natural abundante e de grande fertilidade, haveria também uma outra, esta marcada pela pobreza humana com a subordinação do mundo tropical à órbita do Hemisfério Norte, particularmente a Europa (LIVINGSTONE, 1999). Tal situação material foi simbolicamente construída pelos naturalistas e viajantes, e os geógrafos desempenharam um importante papel na construção da noção de degeneração moral e física dos trópicos, de que emergiu a noção de tropicalidade, intimamente associada com o processo imperial de incorporação dessa região ao modo de produção capitalista.

O mundo tropical passou a ser concebido como paradisíaco e ao mesmo tempo pestilento. Em meados do século XIX, o mundo tropical passou a ser representado negativamente. Era lugar de violência e destruição, onde dominavam as relações sociais primitivas, com uma natureza marcada pela destruição, pela fatalidade climática, por feras e bestas carnívoras, além de doenças como a malária que era interpretada como produto das condições de degeneração natural e moral das populações (OVIEDO, 1959, p. 37).

As descrições sobre o desenvolvimento social registravam o papel negativo das condições naturais sobre o desenvolvimento tecnológico, predominando a indolência da população, com um modo de vida marcado pela subsistência e pelo excesso de mortalidade (KUPPERMAN, 1984). Em meados do século XIX, passou a haver um forte discurso e práticas estatais voltadas para a medicina tropical, em função das doenças como a malária e do sentido degenerativo do caráter humano provocado pelas condições climáticas. Duncan (2000) descreve a situação do antigo Ceilão, atual Sri Lanka, em que o discurso climático e higienista foi intenso e marcava tanto o cotidiano da sociedade, uma vez que a prática agrícola era permitida somente para os homens. Havia o mito de que as mulheres, como seres inferiores, mais as condições climáticas poderiam degenerar as plantações, o que comprometia a produção colonial.

Essa situação fundamentava-se em um discurso machista que, associado à ideologia imperialista da determinação da natureza sobre o caráter humano, justificava a dominação masculina europeia sobre a natureza tropical, pois as plantas tropicais passaram a ser concebidas como inferiores às do mundo temperado. Concomitantemente, as mulheres eram segregadas. Pressupunha-se que elas possuíam baixa racionalidade ligada a uma forte incapacidade de atuação no mundo. Haveria, assim, uma moral masculina que seria a responsável pelo desenvolvimento da civilização e da modernização do mundo tropical, o que levou Livingstone (1991) a dar a essa prática política o nome de “moralidade do clima e masculina”, de que derivaram os conceitos de sazonalidade e aclimatação (LIVINGSTONE, 1999, p. 101). Ou seja, em meados do século XIX, a imagem do mundo tropical tornou-se a de um mundo antípoda ao das regiões temperadas, onde os textos médicos cristalizaram a segregação e a concepção de um mundo tropical primitivo e pobre. Emergiu então, no contexto do imperialismo, um discurso sobre o papel da raça na dominação da natureza, com uma mesclagem teórica entre o darwinismo e o lamarckismo para justificar o colonialismo e a dominação europeia sobre o mundo tropical. Diante disso, os aborígenes passaram a ser concebidos como crianças, relíquias de uma antiga civilização, como no caso do Sri Lanka (HAECKEL, 1883, p. 154).

Para a geógrafa Ellen Churchill Sample (1911, p. 635), os trópicos apresentam baixa maturidade em relação ao mundo temperado: *Where man has remained in the tropics, with few exceptions, He has suffered arrested development. His nursery has kept him a child.* Justifica-se assim um discurso machista e imperial de dominação sobre as populações e a natureza do mundo tropical, já que a forte umidade do mundo tropical causava degeneração na unidade familiar e inclusive na virilidade masculina, fato que foi notado por Tennent (1859, II, p. 107), em seu estudo sobre a Índia, onde notou que as condições climáticas impunham feições delicadas e efeminadas aos homens, o que não aconteceria com as raças e os homens criados nas regiões temperadas.

Para o contexto cultural de início do século XX, o mundo tropical representava uma barreira ao desenvolvimento do capitalismo. Necessitava-se da expansão e do comando de uma raça superior, como as do Hemisfério Norte e particularmente aquelas ligadas aos países imperiais. Esse tema foi muito desenvolvido pela geografia da época (SEMPLE, 1911; HUNTINGTON, 1915), quando metodologicamente empregaram uma mistura de determinismo ambiental e darwinismo social para demonstrar que as condições climáticas do Hemisfério Norte favoreciam o vigor e a inteli-

gência, enquanto nos trópicos a civilização foi conduzida ao fracasso racial. De acordo com Semple (1911, p. 10): *The debilitating effects of heat and humidity aided by tropical diseases, soon reduce intruding peoples to the dead level of economic inefficiency characteristic of the native races.* Mais à frente (Ibid., p. 627), continua:

Everywhere in the tropics the enervating effects of heat, moisture, and abundance make not only the natives averse to steady work, but start the energetic European immigrant down the same easy descent to Avernus.

Em 1915, na primeira edição do livro *Civilization and climate*, Huntington (1924, p. 56), procurando dar uma contribuição a *a new science of geography*, observou que países temperados, como na Europa e na região nordeste dos Estados Unidos, apresentavam condições ótimas para o desenvolvimento da inteligência humana, ao contrário dos trópicos que se caracterizavam pela degeneração:

The cause, it is generally agreed that the native races within the tropics are dull in thought and slow in action. This is true not only of the African Negroes, the South American Indians, and the people of the East Indies, but to the inhabitants of southern India and Malay peninsula.

Pierre Gourou (1953, p. 12) registrou que o mundo tropical apresenta traços de pobreza; é um “horror” e o clima gera feras terríveis. A única possibilidade é a importação de animais domesticados na Europa, pois, caso contrário, haveria deficiências na dieta alimentar. Para o mesmo autor (1953, p. 66), o mundo tropical caracteriza-se por ser uma civilização vegetal, em que os solos são inférteis, lateríticos, representando um *pedological leprosy* (Ibid., 1953, p. 21), marcando uma inferioridade do mundo tropical em relação às regiões temperadas.

O mundo tropical suportou um modo primitivo de civilização e práticas agrícolas, cuja grande marca foi a civilização vegetal, como na Indochina – uma civilização dependente dos ciclos naturais e de práticas primitivas de agricultura, explicando assim a elevada densidade populacional no delta do Rio Vermelho (Gourou, 1931, p. 82-90) –, sendo caracterizada nos anos 30 do século XX como uma sociedade infantil com forte dependência do Estado francês na manutenção de diques, construção e conservação das rodovias, entre outras modernidades. Traçando-se uma comparação entre a China, a África, as Américas do Sul e

Central, segundo Gourou (1953, p. 43-52), a civilização chinesa e a indiana, em função da história de colonização

tamil e de invasores arianos, apresentavam-se como as mais desenvolvidas no mundo tropical, seguidas pela civilização da América Central, onde o ambiente natural, próximo ao temperado, facilitou o desenvolvimento da civilização maia. Nascia assim o discurso da tropicalidade, entendendo-a como um discurso ideológico, que procurava de legitimar o imperialismo francês, inglês e alemão no mundo tropical. Para o discurso científico, entre eles o geográfico da época, a degeneração do mundo tropical, entendida como tropicalidade, era o produto histórico da relação do meio natural com a miscigenação racial. Essa construção ideológica foi muito forte entre 1880 e 1900 e fundamentou-se no discurso médico que, com a tese da insalubridade do mundo tropical e a aclimação, provocaria a degeneração física e moral nas gerações de descendentes de antigos europeus (THOMSON, 1843, p. 132; BELT, 1888, p. 178). O resultado imediato desse discurso foi a criação dos Centros de Medicina Tropical (MANSON, 1888), em que o médico Patrick Manson foi considerado o *Pai da medicina tropical*, o que rapidamente criou a disciplina de Medicina Tropical nos currículos universitários da Inglaterra. Para Manson (1888, p. 842), o maior problema era o climático, pois criava “miasmas” advindos da elevada umidade e decomposição da matéria orgânica, provocando doenças específicas e exigindo o treinamento na identificação de parasitas, vetores e “germes” que não eram conhecidos no mundo temperado.

Para o médico Ronald Ross (1910, p. 7-8), a malária era o maior problema a ser resolvido no mundo tropical, porque era um verdadeiro obstáculo à civilização e ao desenvolvimento da agricultura, das cidades e do comércio das colônias. Para Gourou (1953, p. 6), a malária explicaria o decréscimo populacional no delta do Rio Vermelho e o fracasso da França em desenvolver o Sudoeste Asiático, pois era a causadora de baixa produtividade do trabalho humano.

Eram necessárias práticas médicas e sanitárias modernas para a erradicação dos vetores da malária e desenvolver hábitos educacionais e higiênicos modernos na população nativa. Esse momento em que Gourou (1953) escreveu sobre as doenças tropicais coincidiu com o surgimento do DDT e a possibilidade de as técnicas modernas dominarem a natureza tropical. Paralelo, os países imperialistas criaram a disciplina de Agricultura e Veterinária Tropical, visando resolver o problema da fertilidade dos solos tropicais. O resultado imediato foi a criação pelo governo francês de uma agência especializada nos trópicos, encarregada de levantamentos topográficos, hidrológicos, edáficos, geológicos, além do

direcionamento das universidades francesas, que priorizaram a realização de teses de Doutorado sobre os países colonizados. Essa pesquisa estava sempre associada a um forte esquema militar, em que era priorizado o controle dos grandes deltas, como do Mekong e do Nilo. Com isso o império francês exercia um controle eficiente sobre a circulação de pessoas, mercadorias e recursos naturais, além de formar imagens e símbolos sobre o mundo tropical e a tropicalidade, mantendo, assim, um controle político e instrumental eficiente sobre os territórios e sobre a produção das mentalidades.

O trópico, enquanto símbolo exótico no século XVIII, foi representado como ambiente de abundância, passou a ser resignificado entre os meados dos séculos XIX e do século XX, período que marcou a intensa produção de Pierre Gourou, cujo trabalho de 1953, *The tropical world*, pode ser considerado como a grande síntese de uma geografia especializada e instrumentalizada no contexto do imperialismo francês.

4 PIERRE GOUROU E GENEALOGIA DE UMA GEOGRAFIA TROPICAL

A geografia tropical francesa está geneticamente associada ao imperialismo francês e desenvolveu-se fortemente de 1930 a 1970, coincidindo com a história colonial francesa. Inicialmente a geografia tropical estava atrelada à geografia colonial e, somente com a dissolução das colônias francesas é que surgiu com força nos estudos geográficos (CLAVAL, 2005).

O colonialismo francês e a necessidade de estudos geográficos sobre as colônias remontam aos séculos XVII e XVIII, com a ocupação das Antilhas, das ilhas do Oceano Índico e da costa africana. Com a guerra franco-prussiana de 1870-1871, houve uma retração nos estudos geográficos coloniais que foram retomados entre 1880 e 1914; uma terceira fase foi entre 1930 e 1950. Ao longo dessas fases, com maior ou menor atuação, o Estado francês sempre se envolveu nas pesquisas geográficas, financiando expedições continentais, como a do General Bonaparte ao Egito, a de Morée ao Peloponeso, a conquista da Argélia em 1840 e ao México em 1860 (GODLEWSKA, 1998). Particularmente durante a Terceira República (1870-1914), as pesquisas geográficas e seu atrelamento às necessidades do Estado francês viabilizaram a expansão colonial.

No início do século XX, a França possuía colônias em várias partes, enfrentando sérios problemas ambientais que interferiam diretamente na produção colonial e exigindo pesquisas científicas para resolver os

problemas relacionados à baixa produtividade dos solos, assim como os relacionados às doenças tropicais, como a malária, a dengue e o cólera, que ocorriam na Indochina; assim como a febre amarela ocorria na África Central e na Guiana. Os centros de medicina tropical, com médicos treinados segundo os parâmetros de Louis Pasteur, foram criados nas colônias, e os profissionais da nova medicina foram deslocados para Hanói, Dakar, Brazzaville e Tannanarive. Com esses médicos, geógrafos foram treinados para o conhecimento do ambiente tropical, fato que gerou uma ampla literatura sobre as relações entre as sociedades e o meio natural tropical, levando ao desenvolvimento da geografia médica e ao conceito de complexo patogênico de Max Sorre.

No período de 1939 a 1945, houve um significativo aumento nas pesquisas geográficas, o que, segundo Claval (2005), estava associado à criação, em 1939, do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), que passou a facilitar as pesquisas nas regiões coloniais, a tal ponto de, em 1940, o governo francês criar o Institut Français d'Afrique Noire (IFAN), cujo escritório passou a funcionar em Dakar. Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1917), foram criadas a Office de la Recherche Scientifique pour les Territoires d'Outre-Mer (ORSTOM), atualmente denominado Institut de Recherche pour Développement (IRD). Associados aos projetos educacionais desenvolvidos nos países coloniais, a exemplo do que ocorrera na própria França depois da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), os institutos passaram a incentivar as pesquisas individuais, em grupo e integradas, fato que incentivou o desenvolvimento da geografia tropical francesa (CLAVAL, 2005).

É dos anos 30 do século XX, a participação das missões francesas na criação de universidades e cursos de Geografia no Continente Americano (USP, Brasil), na África, nas Antilhas Francesas, na Guiana, Nova Caledônia e na Indochina. Foi assim que, depois de 1940a apareceram vários pioneiros na geografia tropical francesa, assim como vários outros nas ciências humanas, tais como Pierre Monbeig, Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel (Brasil), Jacques Richard-Molard (oeste da África), Théodore Monod (Guiné) e Pierre Gourou (Indochina), foram os grandes representantes da geografia tropical francesa.

Desses intelectuais, Pierre Gourou (1900–1999) pode ser considerado o grande representante da geografia tropical francesa. Com sua obra *Les paysans du delta tonkinois*, de 1929, estabelece os parâmetros para os estudos das relações entre o homem e o meio na Indochina, com análise sistemática sobre a relação entre o uso das terras e as condições de vida da população, inaugurando estudos regionais sistemáticos, com influências marcantes nos estudos de sociologia rural.

Pierre Gourou defendeu sua tese de Doutorado, em dezembro de 1936 (KLEINEN, 2005), em que procurou compreender a Geografia Humana no delta do Rio Vermelho, o que redundou na publicação em 1929 da obra *L'Indochine Française*. Em 1931, publicou *Le Tonkin*, procurando adaptar o paradigma vidaliano às condições coloniais (CLAVAL, 1998, p. 98-110). Pierre Gourou pode ser considerado o criador da moderna noção de tropicalidade, paradigma que, a exemplo da noção de orientalismo de Said (1979; 1994) e Arnold (2000) coloca o mundo tropical em contraste com o temperado, então dominante, influenciando a concepção de trópico e a postura geopolítica da França.

A tropicalidade deixou de ser estética e exuberante para tornar-se símbolo de uma imagem negativa e destrutiva. Essa imagem permitiu o atrelamento político e militar do mundo tropical aos países do mundo temperado, possibilitando a efetiva atuação do império francês na Indochina e em várias outras regiões. Sob o ponto de vista metodológico, o discurso e a prática fundamentaram-se nas concepções deterministas e neolamarckistas, cabendo à Geografia uma posição de destaque nessa justificação de dominação imperialista e racialmente segregacionista (VITTE, 2009). O conteúdo da tropicalidade deixou de ser o sublime e passou a ser uma imagem negativa, degradante e degenerativa, justificando o caráter humanitário das nações imperialistas na manutenção e controle de suas colônias tropicais. Essa imagem está fundamentada em uma postura eurocentrista e etnocentrista, com um modelo racial, de gênero masculino e feminino, e essa postura ideológica passou a ser aplicada aos próprios seres naturais, como a qualidade inferior da vegetação e dos animais do mundo tropical em relação aos do mundo temperado. Essa postura marcou profundamente o desenvolvimento da Geografia. Exemplo dessa influência pode ser a concepção de que o relevo do mundo tropical seria um acidente climático, e o normal seria aquele dominado pelas condições climáticas da cadeia dos Apalaches. Outro exemplo, agora, mais próximo a nós, ocorreu na década de 70, quando os geógrafos franceses debateram as propostas para o desenvolvimento dos países recém-descolonizados na África, particularmente aqueles situados na zona do Sahel africano (LACOSTE, 1976; 1980).

As reflexões desenvolvidas por Pierre Gourou fundamentaram a política francesa de exploração dos recursos naturais da Indochina, particularmente a agricultura e os recursos florestais, em que o conceito de tropicalidade, em coesão com as pesquisas geográficas e as políticas de exploração dos recursos naturais, exerceu forte pressão sobre o controle da produção colonial. Essa pressão política viabilizou a superexploração dos sistemas naturais, cuja gestão estava a cargo do serviço de agricul-

tura colonial. As áreas com maior controle foram as dos deltas do Mekong e do Rio Vermelho, locais onde Pierre Gourou desenvolveu extensos e intensos trabalhos geográficos de cunho analítico, demonstrando assim uma estreita relação entre a pesquisa científica e o controle territorial por parte do Estado francês.

O controle sobre os recursos naturais na Indochina foi sobre a agricultura e os recursos florestais. Para tanto, o Estado francês fundamentou-se em estudos sociolegais e ecológicos, conduzindo uma política florestal colonial, com a definição de áreas de *plantation* e áreas de floresta, categorias sob controle do Estado (SIVARAMAKRISHNA, 1995). Em todo o território colonial e nessas áreas em particular, o Estado francês controlava política e policialmente os produtos e a classificação das terras que deveriam ser destinadas para a agricultura, para o manejo florestal e para as reservas indígenas. A política florestal francesa na Indochina estava fortemente embasada na noção de tropicalidade, cuja matriz econômica era a economia utilitarista e com uma concepção racial que considerava que os povos indígenas eram incapazes de realizar a gestão dos recursos naturais, e isso deveria ser feito pelas nações civilizadas, mediante o uso de missões (MASPERO, 1931), como as missões com técnicos e pesquisadores especializados na agricultura, na pedologia e na veterinária, por exemplo.

As pesquisas geográficas nas colônias francesas fundamentaram o desenvolvimento de conceitos e de legislações específicas, como foi o caso daquelas que controlavam as fazendas produtoras de grãos na Indochina. Aí, a legislação facilitava a alienação e o controle das terras agricultáveis no território colonial, sendo essa prática essencial para o sucesso econômico e a estabilidade política da Metrópole. A legislação regulava o registro, a ocupação e o controle das propriedades, sendo um importante instrumento para a expulsão dos indígenas das terras, criando novas propriedades. As propriedades que eram comunais passaram a ser privadas e territorialmente delimitadas por cercamentos. Assim, no Vietnã, a posse da terra deixou de ser histórica, mítica e comunal, passando a ser controlada por uma autoridade francesa, centralizadora, que fundamentava suas ações em um registro de imóveis e em cadastros utilitários (ADAMS; HANCOCK, 1975). Para o Estado francês, essa postura era necessária para o desenvolvimento da noção de direito privado sobre a propriedade, abrindo espaço para o investimento de bancos privados na ocupação do território vietnamita, assim como na Conchinchina, no Laos e no Camboja. Essa postura possibilitou o investimento privado em terras coloniais, com a expansão das plantações de fumo e cana-de-açúcar, especialmente depois de 1918 (VINH LONG, 1991).

A situação atualmente, bem mais complexa que aquela da geografia tropical de meados dos séculos XIX e XX, não deixa ter algumas características que ainda marcam a concepção de trópico em termos geopolíticos e sociais, e em cujo momento, marcado por forte crise, e a volta da xenofobia e da aparente fragmentação. Os recursos naturais e biogenéticos estão na pauta das discussões diplomáticas e militares. O momento, portanto, é de se rediscutir o significado da natureza, agora exótica pela raridade, e o papel dos recursos naturais e do patrimônio ambiental nesse mundo em mutação. Esse fato exige de nós uma posição teórica e epistemológica sobre o papel da política na discussão da Geografia Física, em particular, e seu uso no contexto social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo tropical é o produto do esclarecimento do século XVIII, motivado pela estética kantiana e pelo conceito de experiência estética de Schiller. Alexander von Humboldt pode ser considerado seu criador e divulgador. Nesse processo, a concepção de paisagem e o sublime, de acordo com Humboldt, foram fundamentais para a apresentação de um mundo marcado pelo exuberante. Diferentemente dos antigos, em que o mundo tropical era produto de mitos e histórias fantasiosas, com Humboldt, o tropical é cientificamente descrito e delimitado, enquanto literariamente é apresentado com o paraíso e a possibilidade de regeneração do mundo moderno.

Com o imperialismo e o acirramento da concorrência entre as principais nações, como a Inglaterra, a França e a Alemanha, o mundo tropical passou a ser concebido como um espaço vital para o desenvolvimento do modo de produção capitalista nas metrópoles. Nesse momento, o exótico, cedeu lugar a um discurso e a práticas políticas exploratórias, que buscam na explicação ideológica da degeneração racial e natural, embasada no determinismo ambiental e no neolamarckismo, as fontes para a justificação da exploração e da dominação imperialista. Agora, tanto plantas como animais são considerados degenerados e impróprios para o desenvolvimento nacional. Em muitos casos, cientistas e geógrafos, como Pierre Gourou chegam a atribuir o adjetivo “leprosário pedológico” às condições de fertilidade dos solos tropicais. Não muito diferente, mas com maior intensidade, as populações aborígenes são descritas como moralmente degradadas, infantis, e isso seria causado pelo clima e pela putrefação da matéria orgânica dos solos. Para muitos, mesmo com a

chegada de imigrantes europeus, a degeneração moral ainda era predominante nos trópicos, pois ao longo dos anos essas populações foram miscigenadas com indígenas, o que associado às condições climáticas, provocava nas gerações seguintes a degradação e a falácia do processo civilizacional.

Desse quadro geopolítico, emergiu o conceito de tropicalidade, um conceito que denota sentido negativo, ruim e que precisava ser sanado pelos países imperiais. Na construção desse conceito, participaram diretamente as concepções higienistas e sanitárias desenvolvidas pelos médicos que, assombrados pela malária e por outras doenças tropicais, passaram a produzir discursos que conduziam a ações geográficas e territoriais, por parte do Estado, que deveria possibilitar a resolução dos problemas médico-sanitários mediante ações territoriais e coloniais, assim que foram criados institutos de medicina tropical, bem como a disciplina de Doenças Tropicais nos cursos de Medicina, e cursos de Agricultura Tropical e Geografia Colonial e Tropical nas universidades francesas.

Nesse universo, a obra de Pierre Gourou destaca-se como a que melhor explicitou os princípios de uma geografia colonial francesa e permitiu o desenvolvimento da geografia tropical, particularmente de 1930 a 1970, coincidindo com o fim do império francês na Indochina e na África. Os trabalhos de Pierre Gourou não apenas serviram para delimitar um campo específico de trabalho à geografia tropical, como também embasaram as ações do governo francês nas colônias, no sentido de modernizar a infraestrutura e possibilitar a expansão da empresa capitalista. Além desses dados técnicos e ao mesmo tempo fundamentando-os, a concepção de trópico, de Gourou, está fortemente ligada à noção de degeneração natural e moral, trazendo sérios problemas ao projeto civilizatório.

REFERÊNCIAS

ADAMS, J.; HANCOCK, N. Land and economy in traditional Vietnam. **Journal of Southeast Asian History**, 1(2), p. 90-98, 1975.

ARNOLD. The problem of nature: environment, culture and european expansion. Oxford: Blackwell, 2000.

BELT, T. **The naturalist in Nicaragua**. London: E. Bumpus, 1888.

CANNON, S. F. Humboldtian science. In: CANNON, S. F. (Ed.). **Science in culture: the early victorian period**. New York: Science History Publications, 1978.

CLAVAL, P. **História da geografia**. Lisboa, Edições 70, 2003.

_____. Colonial experience and the development of tropical geography in France. **Singapore Journal of Tropical Geography**, 26(3), p. 289-303, 2005.

COSGROVE, D. *Apollo's eye: a cartographic genealogy of the earth in the western imagination*. Baltimore: Ed. of Johns Hopkins University, 2001.

CUNNINGHAM, A.; JARDINE, N. (Ed.). **Romanticism and the sciences**. Cambridge: Ed. of. Cambridge University, 1990.

DETTELBACH, M. The face of nature: precise measurement, mapping and sensibility in the work of Alexander von Humboldt. **Studies in the History and Philosophy of the Biological and Biomedical Sciences**, 30, p. 473-504, 1999.

DRIVER, F.; YEOH, B. (Ed.). Constructing the tropics: introduction. **Singapore Journal of Tropical Geography**, 21(1), p. 1-5, 2000.

DUNCAN, J. S. The struggle to be temperate: climate and moral masculinity in mid-nineteenth century Ceylon. **Singapore Journal of Tropical Geography**, 2(1), p. 34-47, 2000.

GODLEWSKA, A. **The napoleonic survey of Egypt**: a masterpiece of cartographic compilation in early nineteenth century fieldwork. Toronto: Ed. of Toronto University, 1988.

GOUROU, Pierre. **Le Tonkian**. Paris : Exposition Coloniale Internationale, 1931.

_____. **Les paysans du delta Tonkinois** : etude de geographie humaine. Paris : Editions d'Art et d'Histoire, 1936.

_____. **L'utilisation du sol en Indochine française**. Paris : Centre d'Etudes de Politique Etrangere, 1940.

_____. *Land Utilization in French Indochina*. Washington, Institute of Pacific Relations, 1945.

_____. **Les pays tropicaux**: principes d'une géographie humaine et économique. Paris: Press Universitaire de France, 1947.

_____. **The tropical world**: its social and economic conditions and its future status. London: Longmans, Green, 1953.

_____. **Pour une géographie humaine**. Paris : Flammarion, 1974.

_____. MALAURIE, J.; PÉLISSIER, P. SAUTTER, G. ; LACOSTE, Y. La géographie comme "divertissement?". **Herodote**, 33, p. 51-72, 1984.

HAECKEL, E. **A visit to Ceylon**. London: K. Paul, Trench, 1883.

HUMBOLDT, Alexander von. **Personal narrative of a journey to the equinoctial regions of the new continent**. London: Penguin Classics, 1995.

HUNTINGTON, E. **Civilization and climate**. 3. ed. New Haven: Ed. of Yale University, 1924.

KUPPERMAN, K. O. Fear of hot climates in the anglo-american colonial experience. **William and Mary Quaterly**, 61, p. 213-240, 1984.

LACOSTE, Y. **La géographie ça sert d'abord à faire la guerre**. Paris : Maspero, 1976.

_____. Enquête sur le bombardement des digues du fleuve Rouge. **Herodote**, 1, p. 86-117, 1976.

_____. Unité et diversité du tiers monde : valles desertes-deltas surpeuplés – Afrique et Asie tropicales. Paris : Mapero, 1980. t. II.

LIVINGSTONE, D. The moral discourse of climate: historical considerations on race, place and virtue. **Journal of Historical Geography**, 17, p. 413-434, 1991.

_____. Tropical climate and moral hygiene: the anatomy of a Victorian debate. **British Journal of History of Science**, 32, p. 93-110, 1999.

MARTINS, L. A naturalist's vision of the tropics: Charles Darwin and the Brazilian landscape. **Singapore Journal of Tropical Geography**, 21(1), p. 19-33, 2000.

MONSON, P. **Tropical diseases**: a manual of the diseases of warm climates. London: Cassell, 1898.

NICHOLSON, M. Alexander von Humboldt and the geography of vegetation. In: OVIEDO, G. F. **Natural history of the West Indies**. Chape Hill: Ed. of University of North Carolina, 1959.

ROSS, R. **The prevention of malaria**. London: Murray, 1910.

RUSKIN, J. Of map drawing. In: COOK, E. T.; WEDDERBURN, A. (Ed.). **The works of John Ruskin**. London: G. Allen, 1904. v. 15.

SAID, E. **Orientalism**. New York: Vintage, 1979.

_____. **Culture and imperialism**. New York: Vintage, 1994.

SEMPLE, E. C. **Influences of geographic environment on the basis of Ratzel's system of anthropo-geography**. London: Constable, 1911.

STAFFORD, B. M. **Voyage into substance**. Cambridge: MIT, 1982.

SIVARAMANKRISHNAN, K. Colonialism and forestry in India: imagining the past in present politics. **Comparative Studies in Society and History**, 37, p. 3-40, 1995,

TENNENT, J. E. **Ceylon**. 3. ed. London: Longman, Green, Longman & Roberts, 1859.

TOMSON, A. S. Could the natives of a temperate climate colonize and increase in a tropical country and vice versa? **Transactions of the Medical and Physical Society of Bombay**, 6, p. 112-138, 1843.

VINH LONG, N. **Before the revolution**: the vietnamese peasants under the French. New York: Ed. of Columbia University, 1991.

VITTE, A. C. Da teleologia da natureza ao darwinismo: mutações e possibilidades interpretativas sobre a construção da geografia física moderna. XII EGAL. **Anais...** Montevideo, 2009.